

COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA TRADICIONAL RIBEIRINHA?

Por Evaldo Malato



No dia 23 de março de 2007, a nossa equipe de remadores da AECAVBEL, realizou uma canoata da cidade de Belém ao vilarejo de Caracará, que fica localizado no município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó.

Como objetivo principal tínhamos o compromisso de unir o esporte a uma aventura ecológica e a um gesto de solidariedade social, pois nesta aventura doamos para a comunidade cerca de

1.500 livros didáticos, onde foi montado na escola local uma mini biblioteca para servir de acervo cultural a aquela comunidade ribeirinha.

Caracará é um grande rio do Marajó, onde existem quatro comunidades ribeirinhas: São José, Santa Clara, Ribolada e Aracajú, sendo próximas uma das outras e todas ligadas somente por vias de rios. Portanto, logo deu para perceber que o principal meio de transportes eram as canoas tradicionais. Canoas de diversos tamanhos, tipos e modelos, assim para nós, era o mesmo que estarmos em uma grande cidade apreciando a movimentação dos diversos tipos de veículos. Todos os moradores da localidade ou grande parte deles possuem sua própria canoa ou “casco”.



Eles utilizam as canoas como meio de suprir suas necessidades cotidianas, vão as escolas, as igrejas, visitar amigos, aos jogos de futebol, as mercearias, enfim, são construídas de tronco de árvores e feitas artesanalmente por eles mesmos através de técnicas milenares repassadas por seus ancestrais.

Por tanto, a canoa tradicional entre eles é considerado um meio de transporte de maior valia para o seu deslocamento. Cada um cuida e zela pela sua, e as técnicas de como remá-las nem mesmo eles sabem dizer como aprenderam, pois desde quando nascem já praticam esta atividade.

Nesse momento tive a oportunidade de conhecer o Sr. Messias dos Santos, vulgo Miçanga, que me apresentou ao seu pai, o Sr. Nelson Dias dos Santos, de 55 anos, grande construtor de canoas da localidade. Seu Nelson nos conta que desde os 12 anos de idade já trabalhava com seu pai nas construções de canoas tradicionais, e depois do falecimento de seu genitor continuou nessa profissão artesanal de onde tira seu sustento principal.

A sua maior dificuldade no momento está na dificuldade de encontrar as árvores ideais para estas fabricações, pois com a exploração desordenada das matas elas estão cada vez mais devastadas, dificultando assim o exercício desta profissão. “Hoje não é mais o caboclo morador da área que tira moderadamente proveitos da natureza para sua sobrevivência, e sim as grandes empresas que vem com seus mais variados maquinários devastando em alta escala nossas florestas em função de lucros e benefícios próprios, e nós só ficamos vendo sem nada podermos fazer” informou Nelson.

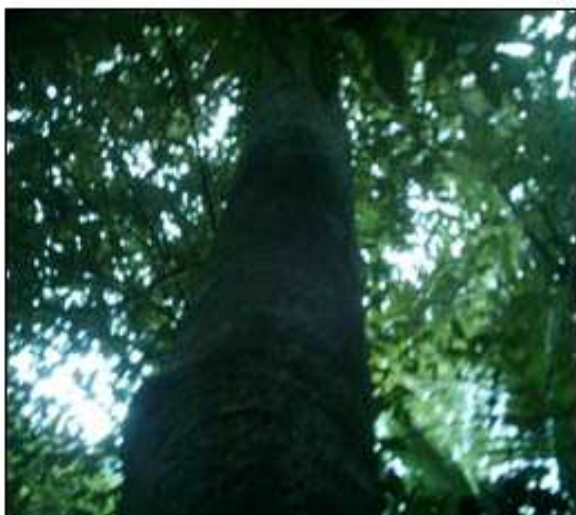


Humildemente com seu velho machado nas costas ele nos leva a percorrer a floresta em busca de uma árvore para a construção de uma canoa, onde pretendemos registrar e catalogar todos os procedimentos técnicos dessa construção artesanal que já se encontra em adiantado estado de extinção devido a fatos já narrados.

Seu Nelson bastante sentido e magoado nos conta que a maior destruição das matas, ocorre por parte de uma grande empresa que nem sabe citar o nome e que acerca de uma década vem extraindo todos os diversos tipos de madeiras para a confecção de “DORMENTES”, peça assim denominada pelos exploradores que se aproveitam dos próprios moradores locais, que ingenuamente contribuem com a mão de obra mais econômica para os devastadores.

“É lamentável, pois além de estarem nos fazendo mal ainda nos usam como verdadeiros escravos; e os prejuízos que causam a nossa região são irreversíveis até a nossa existência”, lamenta-se Nelson, que apesar de seu pouco estudo tem uma visão de águia e está sentido na pele as mudanças provocadas pelo capitalismo selvagem e a exploração desordenada de seu quintal sua Floresta.

Sr. Nelson concordou em nos mostrar todos os procedimentos de como se constroem uma canoa tradicional da Amazônia contribuindo assim para a historiografia desse artigo no qual pretendemos através da escrita catalogar todas as fases de sua construção. Fomos apanhá-lo em sua casa de manhã bem cedinho e às 7:00 h e partimos rumo a floresta.



Chegando lá depois de uma hora a procura de uma árvore ideal Nelson afirma ao grupo. “Era uma árvore de Sucupira... linda e frondosa, com mais ou menos uns cinqüenta metros de altura. Nossa como era linda e encantadora, madeira ideal para construções de canoas”, disse. Em seguida Nelson prepara o terreno e começa a golpear a árvore com seu afiado machado, e após mais ou menos a terceira machadada: “PARA!!!!!!!!!!”, gritou o grupo, pois ninguém estava mais agüentando ver aquela cena, que para nós era uma tremenda crueldade. Ninguém do nosso grupo gostaria de presenciar aquela árvore linda sendo derrubada, e ai resolvemos mudar imediatamente a nossa estratégia de vermos essa construção, não gostaríamos de compartilhar com essa agressão a natureza uma vez que fazemos parte de uma associação que trabalha em proteção de nosso meio ambiente.

Nelson, então diante da decisão de nosso grupo em apenas entrevistá-lo, nos convida a ir mais dentro da floresta onde ele já tinha uma arvore cortada para fazer uma canoa e inclusive na fase da buliação (veremos mais adiante nas fases das construções das canoas).

No caminho por um longo rio ele rema nos contando que entende as colocações de nosso grupo em preservar a floresta, mais o que ele podia fazer? “Se eu não tirar a arvore, na qual garanto o sustento de minha família, vem os catadores de DORMENTES e tiram sem piedade e sem pedir licença”, parafraseia colocando-nos em situação de nem ao menos sabermos o que responder. Sugerimos a ele que procurasse um órgão competente para registrar uma denuncia e ele volta a argumentar que mal tinha condições de ir até a cidade levar sua esposa ao médico, onde teria que remar umas 5 horas, quanto



mais de registrar esse fato. O mais alarmante ainda é que ele afirma que “quem poderia fazer algo pela floresta está cometendo este crime, como também, as *artoridades* (como fala) sabem de tudo que acontece, mas chega na hora do acordo se corrompem”. E mais uma vez achamos bastante sábias suas colocações apesar de seus poucos conhecimentos sobre os feitos e fatos.

Enfim chegamos e ali estava a árvore tombada ao chão e já em estado de buliação como ele tinha nos falado. A árvore já se parecia no formato de uma canoa. Era uma árvore de PRACUÚBA, segundo ele uma das melhores.

Ali onde ela estava tombada, ele iria buliá-la, brocá-la com uma verruma depois virá-la e alimpar de trincha, ou seja escavá-la, seguindo seus próprio palavreado caboclo. E depois de tudo isso iria conseguir um búfalo emprestado de seu vizinho pra trazê-lo ao local e arrastar a tora até a margem do rio, que ficava aproximadamente 1 km de onde estávamos. Para poder fazer os próximos procedimentos (queima e acabamento) no quintal de sua casa sua marcenaria, portanto. Como todos moradores de lugares encantados, seu Nelson durante o trabalho na demonstração da buliação da tora, começa a nos contar alguns mistérios daquele lugar. Ele nos fala que já era pra esta canoa estar pronta, mais na verdade ele



estava com receio de voltar a aquele lugar só, pois alguns dias atrás ele estava trabalhando nesta canoa sozinho quando começou a ouvir vozes e ruídos vindo em sua direção o que fez abandonar tudo e sair correndo para margem onde estava sua canoa e remar pra sua casa.

E ele não para de contar suas historinhas, pra nos deixar mais ainda em pânico, ele conta que mês passado ali mesmo sua mulher havia sido picada por uma jararaca e não se sabe como conseguiu chegar com ela no município de Cachoeira do Arari, cerca mais de 5 horas de remo. Foi quando nossa equipe, em estado de pânico, resolveu terminar esta matéria em sua casa tomando aquele cafezinho. No caminho sua filha Maria afirma ter avistado uma jararaca bem no meio do caminho, o que fez com que a um quilometro de distância se tornasse dez, e enquanto não chegávamos na beira a tensão era total. “ADRENALINA em alta”.

Construção da canoa

Primeiro Passo: DERRUBADA (Escolher a Árvore a ser sacrificada)



Entrar na mata e olhar para aquela variada vegetação e denominá-las por seus tipos e espécies pra nós já é uma tarefa muito difícil, Sr. Nelson conhece todos os tipos e qualidades de arvores ali existente, ele com facilidade, distingue todas e sabe denominá-las.

Segundo ele na nossa região existem muitas espécies de arvores que podem servir pra construção de uma boa CANOA, entre elas temos: SUCUPIRA, MANDIOGUEIRA, BURAJUBA, CUPIUBA, ANGELIM, JUTAIRANA, PRACUUBA, CURTIÇA, CASTANHEIRA, MORCEQUEIRO, ANDIROBA, JURUBA, GUARUBA, JASMIM, e outras mais que podem ter sido esquecidas.

Segundo Passo: Lavrar (desgalhar, alinhar e descascar a madeira)



Após a derrubada da árvore, que dura cerca de uma manhã inteira, o construtor trabalha no desgalhamento do tronco e alinhamento da peça escolhida para a fabricação da canoa, o que confeccionado a machado deve durar dois a três dias. “É uma fase bem delicada”, afirma Sr. Nelson, dizendo-nos que este alinhamento irá definir o modelo da mesma, e ele auto denomina esta fase como a “Lavração da Tora”.

Terceiro Passo: BULIA (esculpir)

Esta é a fase mais delicada de toda a construção, pois o construtor

terá que esculpir a tora com golpes de machado já nos moldes do modelo da canoa.



Quarto Passo: Brocação

Com um instrumento denominado por eles de VERRUMA eles irão brocar toda a extensão do casco, com a intenção de quando forem escavá-los não ultrapassem a espessura do mesmo.

Quinto Passo: Cavação (escavação do tronco)

Nesta fase o tronco é virado, e com um instrumento denominado de trincha e ferro de cova, escava-se o tronco até os limites determinados pelo processo anterior as "Brocadas", que servirão de orientações ao limite a ser aprofundado no casco, não permitindo assim que o esculptor ultrapasse, estrague ou deixe fragilizado o tronco.

Sexto Passo: VAREIAR (queima do tronco ate ele ficar mole)

Depois do tronco já esculpido e escavado, vem agora o processo final, onde o tronco é preparado com tesouras para abri-lo a seus limites, e em seguida colocado em baixo de um fogo, até o ponto da tora ficar bem mole para em seguida ser moldada dentro de seus limites, onde sua forma côncava vá ser assim definida.



Sétimo e Último Passo : Acabamento



Fase final onde serão feitas a colocação dos bancos, a calafetagem dos furos feitos na fase da brocação, e por fim a pintura onde cada um irar personalizar a seu modo. Segundo Nelson os preços da canoa pronta estão ligados a capacidade da mesma, ou seja a capacidade para cada pessoa aumenta em 100 reais, melhor explicando: Canoa pra uma pessoa 100 reais, pra duas 200 pra tres 300 e assim sucessivamente.

Assim temos as nossas canoinhas prontas para as mais diversas utilidades, desde para o suprimento de suas necessidades cotidianas como a seu próprio lazer. Sabendo-se que apesar dela ter sido construída de

um Pau só, a milenar ciência para a sua construção (que nos é repassada de gerações a gerações) constitui-se numa árdua e difícil tarefa, atribuídas somente a artesões natos desenvolvidos dentro de seu próprio meio.



Portanto assim, a utilização das canoas tradicionais está inserida diretamente em nossas raízes culturais, uma vez que desde a história da humanidade o homem teve a necessidade de criar meios de se transportar sobre as águas e com isso usar sua criatividade na construção de vários tipos e modelos de canoas.

É por isso que a nossa maior inquietação é trabalhar na Esportivização desta prática. Tornando-a uma modalidade esportiva, objetivando assim, a **Valorização da nossa Cultura Ribeirinha e da alta estima de nosso Povo.**